

## Plano Abortado

### *Quarta parte (Revelação)*

#### *Quinze anos depois*

Alcides estava prestes a ganhar a partida quando Alexandre lançou o Às que exigiu mais uma ronda. Aquele era o parque onde habitualmente se encontravam os reformados da aldeia, alguns acompanhados por seres de gerações mais recentes.

Já não se prestava muita atenção às cartas. Era o paleio de Alexandre que animava os outros dois companheiros, sempre entusiasmados quando ouviam casos que o ex-inspetor do Departamento de Homicídios resolvera. Uns verídicos, outros nem tanto. O caso daquela tarde primaveril, contudo, havia mesmo acontecido. Era classificado como “interessante” pelo ex-inspetor. Depois dos detalhes do caso adiantados, cabia a Alcides e Augusto tentarem adivinhar quem era o assassino.

-Não apostaria em nenhum deles – iniciou Augusto, enquanto ajustava o seu imperfeito bigode. – Mas creio não me enganar quando digo que foi a tia quem matou o miúdo. Cá para mim, convenceu-o a irem lá passar uns dias para o matar.

-Que motivos teria ela? – questionou Alcides. – Não, acho que foi a vizinha... a que traía o marido. Sim, deve ter sido ela.

Alexandre chegava novamente à conclusão de todas as tardes: os dois conterrâneos não tinham o espírito de um detetive.

-Vou então contar-vos como tudo aconteceu – disse, pousando as cartas na mesa. – Começamos pelo início. O Marco queria de facto matar os pais, vontade que surgiu depois de ter ouvido uma discussão comprometedoramente entre os dois. A partir desse momento, tentou então planejar a morte deles ao pormenor. A forma seria simples e eficaz, mas ele sentia que faltava algo... alguém. O Marco queria que a sua ação, uma vingança para si totalmente justa, fosse presenciada por alguém que lhe desse o devido valor. Esse alguém era o Jacinto. O miúdo não gostava muito da tia, mas sempre teve uma afinidade especial com o tio, e ao saber que este sofria de demência, quis dar-lhe uma última oportunidade de ver o sobrinho cometer um ato heroico. O problema maior surge quando o seu plano é descoberto. Antes de o caderno passar para as mãos de Flávio, ficou no quarto de Marco. Foi nesse intervalo de tempo de Eduardo o descobriu. Essa descoberta esteve certamente relacionada com as mudanças de humor descritas por Alexandra.

-E matou o filho?

-Não. O Eduardo não seria capaz de o fazer. Afinal de contas amava o filho e sentia-se culpado pelo seu passado. Não. O Eduardo falou do que descobriu ao seu amante, o Gustavo. Eles tinham uma relação amorosa de há um mês àquela parte. Gustavo estava loucamente apaixonado pelo pai de Marco e, dada a gravidade da situação, pretendia atuar de forma a evitar a morte do amado. No fundo, ele queria o seu próprio bem, mantendo Eduardo vivo. Entrou num estado de tremenda paranoia que o levou a equacionar várias ideias, sendo que a mais eficaz passava por eliminar o problema de uma vez por todas. Foi o Gustavo que matou a criança. Ao saber que a mulher saía de casa todas as noites, pretendia utilizar a sua ausência a seu próprio favor. Pensou que seria boa ideia disfarçar-se de mulher, razão pela qual colocou uma peruca loira. A casa dos Abreu tem um segundo quarto de hóspedes cuja janela permanecia aberta para que os dois vizinhos se pudessem encontrar sem que ninguém desse por isso. Foi por aí que Gustavo entrou naquela noite, como um leão que se prepara para capturar e matar a presa. Dirigiu-se ao quarto de Marco, encostou a porta e verificou que este dormia profundamente. Ao ouvir um barulho vindo da cozinha, aguardou até que a voz, feminina, se dissipasse. Assumindo que a pessoa em questão já tinha voltado para o quarto, cometeu um dos erros que o incriminariam mais tarde. Pegou em Marco como se de uma nuvem se tratasse e saiu de casa pela porta principal. Foi aí que Jacinto o viu, com o miúdo ao colo. Penso que se tratava de uma mulher, não tendo reparado no pijama... masculino, digamos. É fácil deduzir o que se passou depois; Marco foi morto à facada por Gustavo. Não sabemos ao certo o que Ângela ouviu, mas suponho que Marco tenha acordado nos braços do assassino e dito algo. Isso fê-la regressar a casa, e foi aí que viu o marido matar o moço. Começou a imaginar mil e um cenários, acabando por optar pelo mais nobre: ajudar o marido. A peruca havia caído quando Gustavo pousara Marco na berma da estrada. Ângela propôs colocá-la no jardim da vizinha do lado, em tentativa de ilibação.

Alexandre fez uma pausa e levou a cerveja à boca.

-Marco dirigiu-se a casa como se nada tivesse acontecido e Ângela lançou a peruca para o jardim da vizinha, dando a volta à casa desta última para aceder à entrada traseira da sua própria casa. Foi nesse instante que Guilhermina a viu.

-Não estava à espera desse desfecho, mas agora compreendo melhor. Só há uma coisa que ainda me morde a curiosidade... - disse Augusto. – Por que razão se suicidou Helena?

-la agora mesmo falar nela. Foi uma peça fulcral neste caso e deu-nos não uma, mas duas vezes o nome do assassino. Ainda hoje me sinto patético por não ter conseguido decifrar aquelas duas pistas. Foi o Diogo, na altura meu assistente, que o conseguiu. Três dias depois de termos recebido a segunda carta da Helena, ele chegou ao departamento bastante entusiasmado. Trazia aquele brilho nos

olhos que caracteriza alguém que acaba de ter a ideia do ano ou o pensamento do século. Pedi-me de seguida para analisar as duas cartas com atenção. Ambas continham o nome do assassino, representado por cada maiúscula. As maiúsculas formavam o nome “Gustavo”. Até as iniciais de Helena foram escritas em minúsculo, vejam bem. Conseguimos a partir desse desenvolvimento desvendar mais pormenores do caso, como é óbvio, nomeadamente a farsa que foi o discurso de Ângela. No que toca ao suicídio, pelo que nos foi dado a conhecer, Helena descobriu que o marido tinha uma relação homossexual com o vizinho, depois da já trágica morte do filho. Também soube que Gustavo havia cometido o crime, momentos depois de este finalmente lhe ter confessado o amor por Eduardo. Mais do que isso, disse a Helena que Marco os queria matar em forma de vingança pelos atos gravíssimos do passado. Ao analisar o suicídio de Helena posteriormente, perguntei-me se Gustavo não a teria matado para a silenciar, compensando o seu erro de principiante, mas tal não foi o caso. Penso que planeou fazê-lo, porém não foi a tempo. Esta mulher ficou assim completamente destroçada, sem qualquer força ou esperança que lhe dissesse que o amanhã seria melhor do que o horrível presente. A ausência do filho, o sentimento de culpa e a traição levaram-na ao abismo num ápice. Sabemos qual foi o seu destino...

-É difícil escondermos os nossos atos passados – afirmou Alcides. – São eles que ditam, em parte, o que somos hoje e o que poderemos ser amanhã, mas nem isso nos prepara para a morte.